

LOGOS E LÉXIS NA RETÓRICA DE ARISTÓTELES

Jacyntho Lins Brandão
Universidade Federal de Minas Gerais

Meu objetivo é examinar o estatuto do discurso na retórica grega, com ênfase em Aristóteles, tanto da perspectiva do *lógos* propriamente dito, quanto, principalmente, da *léxis* (que geralmente se traduz por *estilo* ou como *expressão*), elemento que caracteriza, legitima e torna eficazes as diferentes formas de realização de diferentes gêneros – nomeadamente os discursos filosófico (ou, se quisermos, científico), retórico e poético. Isso significa que, tomando um dos elementos abordados por Aristóteles (a *léxis*), que dele trata especificamente no livro III da *Retórica*, busco um dado capaz de permitir que não nos restrinjamos apenas à modalidade de discurso classificada como retórica, mas possamos pensar suas relações com outros gêneros de discurso. Uma pergunta inicial poderia ser: por que essa escolha dos três gêneros referidos (filosófico, retórico e poético)? A resposta desdobra-se em duas direções: a primeira, porque foi sobre eles que Aristóteles teorizou, embora não numa única obra; a segunda, porque a teorização de Aristóteles representa o ponto de chegada de um amplo debate sobre o *lógos* no seio da cultura grega, sendo por isso que, tanto na *Retórica*, quanto na *Poética* e no tratado *Da Interpretação*, existem remissões mútuas que garantem tratar-se de um modelo único de classificação e teorização sobre modalidades de discurso de importância epistemológica e pragmática bastante destacada no contexto grego. Recorde-se a relevância da política em todos os aspectos da produção grega e, em especial, que foi o próprio Aristóteles quem definiu o homem como um *zôion politikón*, isto é, um animal político, cuja humanidade, portanto, se estabelece pela necessária relação com a *pólis*. Ora, nesse âmbito, tanto se pode considerar que a *pólis* grega – e Atenas em especial – não deixou de ser um amplo laboratório de experimentação dos usos e abusos do discurso (já que é no *lógos* e com o *lógos* que se pratica a política no âmbito da democracia, de que os gregos conheceram diversas formas), quanto seria justo admitir que à filosofia sempre interessaram os gêneros de discurso através dos quais se

instituíam os contratos políticos, isto é, os gêneros de discurso públicos, como os que se classificam no âmbito da retórica e da poética.

Edward Schiappa, num livro bastante inovador, publicado em 1999 (*The Beginnings of Rhetorical Theory in Classical Greece*), discute a pertinência de falar-se na retórica como um objeto de conhecimento reflexivo – ou seja, de uma teorização – antes de Aristóteles. Com efeito, é em Platão que se registra pela primeira vez o termo *rhetoriké*, quando, no *Górgias*, Sócrates o utiliza para qualificar o tipo de atividade praticado por aquele sofista, referindo-se a “*tèn kalouménen rhetorikén*”, “a chamada retórica”, expressão que garantiria tratar-se de um neologismo, acredita Schiappa, criado pelo próprio Platão. Ora, o fato de o termo não ser registrado anteriormente não implica que não existisse, podendo a mesma expressão “*tèn kalouménen rhetorikèn*” ser interpretada, contrariamente ao que faz Schiappa, para indicar que se trata de termo e disciplina já conhecidos, ainda que não ainda de todo correntes ou completamente reconhecidos. De qualquer modo, é significativo que *rhetoriké* se torne comum apenas depois de Platão e de Aristóteles, onde de fato encontramos, respectivamente, uma primeira reflexão crítica e uma primeira reflexão sistemática sobre a disciplina reconhecida por esse nome. É relevante observar que em Isócrates, contemporâneo de Platão, existe também uma discussão consistente sobre o valor do discurso, seus usos e seu ensino, mas ele não se refere jamais a sua própria atividade, que hoje classificamos nessa esfera, como retórica, mas antes como *philosophía* – e quando fala da oratória, inclusive para opô-la a seu ensinamento, usa *rhetoreía* (cf. *Contra os sofistas* 21: “Assim, pois, os que quisessem obedecer ao que preceitua esta *philosophía* tirariam muito mais facilmente proveito no que diz respeito à equanimidade que com relação à *rhetoreía*”).

Esses dados de ordem lexicológica não implicam que, antes do século IV, não houvesse, na Grécia, uma arte dos discursos (o que Platão chama, referindo-se a Tísias, uma *lógon tékhne*) e mesmo uma reflexão sobre o poder do *lógos* (como no *Elogio de Helena*, de Górgias). O primeiro registro conhecido do termo *rhéter* (variante de *rhétor*) encontra-se já em Homero, quando Fênix declara que educara Aquiles para “ser um proferidor de discursos e realizador de feitos” (*Iliada* IX, 443: “*mýthon te rhéter eménai prektéra te érgon*”). De fato, os heróis homéricos são hábeis nessas duas esferas, bastando recordar os debates entre os guerreiros que estão na origem da “ira de Aquiles”, no canto I

da *Iliada*, bem como os inúmeros enfiamentos de discurso que a percorrem, do mesmo modo que os embates físicos, ou os discursos de Ulisses, que imprimem uma marca característica a seu caráter de *polytropos*, na *Odisséia*. Não cabe aqui percorrer as declarações relacionadas com o discurso na lírica arcaica, nos primeiros filósofos e historiadores, bastando lembrar como a relação *lógoi/érga*, já presente em Homero, se mantém em Tucídides, que declara expressamente que registrará uns e outros em sua *Guerra do Peloponeso*. O que me interessa é sublinhar que apenas quando se reconhece a especificidade de novos gêneros de discurso (sobretudo os que utilizam a prosa) no contexto tradicional da poesia é que se impõe a necessidade de nomear e refletir sobre eles. Mais ainda: são justamente os discursos não poéticos que mais se aproximam da poesia, como os de Górgias e outros oradores do século V, que impulsionam a reflexão, com a finalidade de delimitar o que os caracteriza e de discerni-los, assim, tanto da poesia, quanto de outras modalidades de prosa.

Nesse contexto é que entendo que a *léxis* adquire sua importância na reflexão sobre o *lógos*. Ora, se *léxis* é um dos termos gregos que serviriam para designar o que chamamos de estilo, não é o único, pois no caso das formas de expressão visuais fala-se de *kheír*, mão, sentido ao que parece desdobrado, de início, da própria experiência de escrever, designando a letra de alguém ou, no caso de um artista plástico, seu estilo; mais ainda, desde que o escritor se entenda como alguém que registra por escrito seu discurso, então o estilo de sua escrita pode também ser chamado de “mão” – isto é, em suas obras percebe-se sua mão (e assim, para me referir ao “estilo de Teócrito”, posso falar da “mão de Teócrito”), do mesmo modo como se percebem nas obras de um artesão, de um pintor ou de um escultor a marca de sua “mão”, a tal ponto que *kheír* pode acabar por designar tanto obras de arte, quanto manuscritos. Entretanto, quando nos referimos a *léxis*, situamo-nos na esfera não dos processos comunicativos que vão da mão aos olhos, mas daqueles que percorrem o caminho da boca ao ouvido: com efeito, *léxis* é da mesma raiz de *lógos* (discurso), enquanto derivado de *légein* (falar, dizer) – sendo as duas formas do radical, *log-* e *leg-*, resultantes do processo de derivação indo-europeu por alternância de graus, ou seja, trata-se efetivamente da mesma raiz que se apresenta, num caso, com o grau –o- (*lógos*), dando origem a um substantivo, e, no outro, com o grau –e- (*légein*), gerando um verbo (processo que se encontra em todas as línguas indo-européias, com diferentes funções na constituição

do léxico, e que em grego se manifesta numa longa série de exemplos com a alternância substantivo/verbo: assim, *phorós* é o portador e *phérein* é levar ou trazer; *tókos* é o parto, o filho, o produto, os juros, e *tekeîn* parir; *tomé* é o corte e *témnein* cortar; *gónos* a semente, o esperma, o filho, o pai, a geração e *genésthai* vir a ser, nascer, produzir-se).

Em princípio, o par *lógos/légein* parece suficiente para atender à demanda do campo semântico relativo ao discurso – e *lógos* ocorre já em Hesíodo (no século VIII) no sentido de mito, relato, narrativa, ao mesmo tempo que *légein* começa a ser o termo prevalente para indicar falar, dizer. No século V, entretanto, especificamente no contexto filosófico, é que surgirá a palavra *léxis* (cujo registro mais antigo se encontra também em Platão). Ora, nesse caso, trata-se de um derivado de *légein*, dizer, em que se acrescenta ao radical do verbo o sufixo *-sis*, cuja função é formar um substantivo abstrato que expresse a própria ação verbal. Esse processo de ampliação da criação de substantivos abstratos em *-sis* parece ser relativamente recente, remontando, na sua maior parte, aos séculos VII/VI, e estendendo-se por uma esfera bastante significativa do léxico grego: assim, por exemplo, de *poieîn*, fazer, fabricar, produzir, deriva-se *poíesis*, a ação de fazer, a fabricação, a produção (donde, através do latim, *poesis*, recebemos nosso termo poesia); de *phýein*, gerar, derivou-se *phýsis*, o processo de gerar, isto é, a natureza (entendida como geração, o ciclo de nascimento, morte, nascimento); de *prássein*, agir, formou-se *práxis*, a ação; finalmente, tomando um termo que aqui nos interessará de perto, de *miméesthai*, representar, imitar, ou, simplesmente, mimetizar, criou-se *mímesis*, representação, imitação – mimese. Estou querendo insistir, com esses exemplos, que as palavras derivadas em *-sis* expressam uma ação verbal, são o nome dessa ação. Assim, se *légein* significa dizer, *léxis* seria sem dúvida bem traduzida, mantendo-se em português a mesma lógica etimológica da formação grega, como *dicção*. Quer dizer: em princípio, o estilo, na esfera do discurso, é uma forma de dicção (assim como, na esfera visual, manifesta-se como um certo movimento de mão).

Ora, um termo não se explica apenas a partir de sua origem, mas pela repartição de significados que processa no interior de determinado campo semântico. Assim, no momento em que surge, a *léxis* define seu sentido enquanto se opõe a outros termos: de um lado, é a ação de falar, por oposição à *práxis*, a ação (cf. Platão, *República* 396 c); por outro lado, indica a fala em contraposição com o canto (*odé*, cf. Platão, *Leis* 816 d); finalmente, indica a maneira de falar enquanto oposta ao *lógos*, que nomearia o conteúdo do que se fala

(cf. Platão, *Apologia* 17d). Estou tomando todos esses exemplos de Platão porque, como comentei, se trata do primeiro autor a fazer um uso específico do termo *léxis*, entendendo-o assim no jogo de oposições com a *práxis*, o canto e o *lógos*. Em períodos posteriores e em determinados contextos, a acepção de *léxis* tenderá a ampliar-se, como registra Políbio, para o qual *léxis* significa palavra, expressão, ou Mosco, com relação a quem temos a notícia de que teria escrito uma obra intitulada *Rhodiakáí léxeis* (Palavras ou expressões de Rodes). Assim, livros como os de Mosco passam a ser chamados de *lexikà biblíá* (no singular, *lexikòn biblìon*, sendo que *lexikón* é mero adjetivo derivado de *léxis*, com o sentido de relativo à *léxis*) ou, simplesmente, de *lexiká* (no singular, *lexikón*), donde recebemos nosso termo *léxico*. Seja como for, quando se organiza, por exemplo, um léxico de Rodes, isso implica não simplesmente que se faz um arrolamento de termos, mas que se registram os traços próprios do falar de Rodes (ou de qualquer outro lugar), o que nele é expressivo – tanto em termos fonéticos ou morfológicos (isto é, em termos de dicção), quanto nos aspectos semânticos, o que nos garante a necessária relação de qualquer léxico com o sentido de *léxis* enquanto maneira de falar (ou, como expressão).

Esse enquadramento é absolutamente indispensável para compreendermos as primeiras reflexões sobre a *léxis*, que encontraremos em Platão. Na *República*, discutindo que tipo de educação deveria ser ministrada às crianças, Sócrates e seus interlocutores concordam que nada poderia haver melhor que o método grego tradicional, isto é: uma educação bipartida entre ginástica e música (a primeira para a formação do corpo, a segunda para a formação da alma). Em seguida, passa-se a examinar detidamente cada um desses componentes, de acordo com o método normal de Platão, baseado na *diáiresis*, na divisão: tomando-se a música, constata-se então que ela se compõe da música propriamente dita e do *lógos*, isto é, a letra da canção, o que nos demonstra como Platão, ao falar da música como parte da educação, está incluindo nela a poesia. Num terceiro movimento, Sócrates admite então que o *lógos* é composto do *lógos* propriamente dito e de *léxis*. Assim é que a *léxis* se insere na discussão, como um dos elementos do *lógos*. O que o termo quer dizer nesse ponto? O texto de Platão parece suficientemente claro, uma vez que ele admite que, tratando do *lógos*, havia examinado “o que se deve dizer” (*há te lektéon*) às crianças; e, ao tratar da *léxis*, interessa-lhe “como se deve dizer” (*hos lektéon*) (*República* 392 c). Já

que o “dizer” (ou, neste caso, o “deve-se dizer”) é comum tanto ao *lógos* quanto à *léxis*, o que os distingue é, de um lado, que o *lógos* diz respeito ao “quê” e a *léxis* ao “como”.

Nesse ponto da *República*, Sócrates já havia examinado os temas da poesia grega tradicional, determinando o que se deveria dizer sobre deuses e heróis. Ao tratar do “como se deve dizer”, processará uma nova divisão, reconhecendo três tipos de *léxis*. Cito o início de seu raciocínio: “Porventura tudo quanto é dito por prosadores (*mythológon*) ou poetas não é narrativa (*diégesis*) do que aconteceu, acontece ou acontecerá? [...] Porventura não é mesmo com simples narrativa (*haplè diégesis*), através de mimese (*dià miméseos*) ou através de ambas que a realizam?” Assim, há três possibilidades de classificação da *léxis*, no contexto da narrativa: a que é pura narrativa, de um lado; a que se realiza como uma narrativa mimética, de outro; e um terceiro gênero intermediário, que usa dos dois recursos, o qual se costuma chamar de narrativa mista. Como exemplos de narrativa mista citam-se a epopéia e muitos outros gêneros; como exemplos de narrativa mimética indicam-se a tragédia e a comédia – ou seja: são distinções relativas à *léxis* aquilo que é próprio do épico e do dramático, na esfera da narrativa, pelo menos. A distinção, nesse caso, é estabelecida pelo grau de mimese com que a narrativa é contaminada: uma narrativa que é toda mimética, no caso do drama; uma narrativa que é mimética apenas em parte, no caso da epopéia. É interessante que Platão postule um terceiro modo, a narrativa simples, mas não indique a que gênero histórico corresponderia, dizendo que ela se realiza principalmente, mais ou menos, no ditirambo. Tanto é assim, que para dar um exemplo de narrativa simples Sócrates refaz (e, conseqüentemente, Platão reescreve) o início da *Iliada*. A modificação da *léxis* mais evidente nesse exercício é a eliminação de todos os discursos diretos, com as conseqüências decorrentes disso. Qual é sua intenção? Purificar Homero de mimese, o que nos levaria a entender que a mimese é, para Platão, pelo menos no que se refere aos discursos, a representação do discurso do outro – como faz o ator no teatro.

Ora, acredito que Platão admite e quer demonstrar a superioridade do primeiro modelo - a *narrativa simples* - tendo em vista a coerência de caráter do poeta (ou prosador) que fala sempre por si mesmo e como ele mesmo, isto é, no registro de sua própria *léxis*, sem mimetizar outros locutores no discurso direto (o que não deixaria de ser a suposição de um grau zero de estilo). De um certo modo, na lógica da própria exposição, pode-se entender igualmente que a *haplè diégesis* seria a forma básica de narrativa, de que as

demais são derivadas, a partir do momento em que se introduzem nela elementos miméticos: assim, a) quando Homero, após falar como ele mesmo, "tenta o mais possível fazer-nos supor que não é Homero que fala, mas o sacerdote, que é um ancião"¹, temos a narrativa mista; b) e "quando se tiram as palavras do poeta no meio das falas, e fica só o diálogo", tem-se "uma espécie que é toda mimese", a narrativa dramática². O que Platão ensaia, portanto, é, partindo de *léxeis* contaminados de mimese, retornar ao que seria uma *léxis* pura – o que ele faz reescrevendo Homero (ou, como afirma Montanari, traduzindo Homero do grego para o grego). O que se constata, então, é que a diferença da narrativa mista para a narrativa simples não depende apenas da ocorrência ou não de discursos diretos, mas antes do uso de recursos através dos quais o poeta efetivamente mimetiza o discurso de suas personagens: dito de outro modo, não se trata apenas de fazer Crises ou Agamêmnon falar em primeira pessoa, mas de o poeta falar "como se se tivesse transformado em Crises", que é um velho, e não como Homero, isto é, com todos os traços da *léxis* de um velho (no estilo de um velho).³ Assim, outras modificações são relevantes: do ponto de vista do modo de narrativa, uma significativa perda dos elementos visuais característicos do estilo homérico; do ponto de vista do ritmo da narrativa, a eliminação dos elementos de retardamento da ação, em benefício de um estilo que leva rapidamente aos desfechos; com relação ao *colorido* do estilo homérico, destaca-se o desaparecimento de todos os epítetos; sob a perspectiva dos elementos dramáticos, a eliminação dos vocativos, cuja função é mimetizar as diferentes falas (fazendo Crises falar como um velho sacerdote, Agamêmnon como um poderoso rei etc.) e delimitar os espaços das primeiras e das segundas pessoas do discurso; finalmente, no que concerne aos aspectos de organização estrutural do discurso, tem-se um predomínio da hipotaxe, em vez da parataxe homérica. Note-se bem: se o que Platão quer é exemplificar a terceira modalidade de *léxis*, ainda que seja no discurso direto que se encontre o critério principal (isto é, se se mimetiza ou não o discurso do outro), há outras diferenças estilísticas implicadas.

Aristóteles segue evidentemente os passos de Platão, mas efetua uma modificação no seu modelo de enormes conseqüências, ao fazer da mimese (e não mais da narrativa) o núcleo central. Como para Platão tudo quanto dizem prosadores e poetas é *diégesis*, para

¹ *Rep.* III, 393 a.

² *Rep.* III, 394 b-c.

³ *Rep.* III, 393 c-394 a.

Aristóteles tudo quanto fazem prosadores, poetas e também músicos, pintores, escultores e atores é *mimesis*:

Assim, a epopéia e a poesia da tragédia, ainda a comédia, a poesia ditirâmbica e a maior parte da citarística são, no conjunto, mimese. Diferem uma das outras em três aspectos: pelo mimetizar em coisas diferentes (*en hetérois*), ou coisas diferentes (*hétera*), ou diferentemente (*hetéros*) e não do mesmo modo (*trópon*).⁴

Tratando do assunto, ao lado dos conteúdos e dos meios – e restringindo-se ao campo da arte poética – assim ele define os modos como se pode dar a mimese:

Há ainda uma terceira diferença: o como (*hos*) cada uma dessas coisas alguém poderia mimetizar. Pois também com os mesmos meios é possível mimetizar as mesmas coisas,

1) às vezes narrando (*apangélonta*) –

1.1) ou tornando-se em algo outro, como faz Homero,

1.2) ou como si mesmo e não mudando –

2) ou com todos os mimetizados agindo e atuando.

Portanto, as três diferenças que pode ter a mimese, como já dissemos no princípio, são: no quê (*en hoís*), o quê (*há*) e como (*hos*).⁵

É importante ressaltar as divisões e subdivisões da definição de Aristóteles, o que pretendi sublinhar acima ao apresentar o texto distribuído em itens. Com efeito, há um primeiro nível que separa a narrativa (item 1) do drama (item 2), cuja diferença básica reside na presença explícita ou não do narrador; já o item 1 subdivide-se também em dois, compreendendo, o primeiro sub-item, a narrativa mista de Platão, e o segundo, a narrativa simples. Chamo de explícita a presença do narrador no item 1 porque também no drama existe uma certa espécie de narrativa (um *mythos*, que o mesmo Aristóteles declara ser como que a alma da tragédia), responsável pela concatenação das ações representadas. Mas o que é relevante para a distinção dos gêneros é o modo como se dá a mimese, isto é, ou de forma imediata, com a própria representação das ações através dos agentes, ou mediata, com a presença de um narrador.

⁴ *Poética* 1447 a.

⁵ *Poética* 1448 a.

O termo grego com que Aristóteles define a ação do narrador é bastante significativo: *apangéllon*⁶. Pode ser que, na escolha do vocábulo, ele tenha tido em vista uma função trágica bem definida, a do *ángelos*, o mensageiro que, com bastante regularidade, introduz na representação dramática a narrativa de ações passadas fora da cena.⁷ Com relação ao discurso do *ángelos* na tragédia, alguns pontos devem ser realçados: primeiramente, a anterioridade do acontecido com relação ao narrado, contra a simultaneidade de acontecimento e representação do drama; em seguida, a mediação do próprio discurso narrativo para representar fatos e objetos fora do alcance de visão dos recebedores; finalmente, a total dependência dos recebedores (tanto as demais personagens da peça, quanto os espectadores) com relação à atividade do *ángelos*, o que decorre, em última análise, das circunstâncias descritas nos itens anteriores, isto é, do distanciamento temporal e espacial entre acontecimento e narração. A função do *ángelos* poderia ser enquadrada, nos exemplos que conhecemos, no segundo tipo de narrativa definido por Aristóteles: aquela que se faz “como si mesmo e não mudando”. É que se trata de um discurso que descreve ações distanciadas temporal e espacialmente, sem mimetizar os agentes dessas ações, o que se entende principalmente, sem mimetizar os seus discursos. No fundo, a técnica da narrativa simples de Platão, em que as ações e as falas se diluem na fala do narrador, o que lhe dá um espaço mais privilegiado para atuar como verdadeiro intérprete daquilo que narra.

A modalidade homérica – em que o narrador, além de narrar por si mesmo, torna-se “em algo outro” – joga com um conjunto de planos mais variado. Ao lado do discurso do narrador, mimetizam-se em estilo direto os discursos das personagens. Isso faz com que, sucessivamente, modalidades de discurso diferentes sejam trazidas ao primeiro plano: a narrativa do poeta, as falas das personagens e, em momentos variados, as narrativas das próprias personagens. As duas últimas modalidades de fala são comuns à narrativa homérica e à tragédia. O que as diferencia é, portanto, a presença de uma terceira modalidade, a narrativa do poeta, que se põe no texto como narrador explícito, ao qual compete a função de comunicar (*apangéllein*) situações, falas e objetos distanciados do recebedor no tempo e no espaço.

⁶ Particípio do verbo *απαγγελλειν*, composto do prefixo/preposição *απο*, que indica afastamento, ponto de partida; e *αγγελλειν*, anunciar, trazer notícias, contar, narrar.

⁷ Sobre a função do *αγγελος* na tragédia, ver GREGORIO, *Le scene d'annunzio nella tragedia greca*.

O sentido de distância seria, portanto, uma das conseqüências mais fundamentais da ação do *apangéllon*. Sua voz, enquadrando, pontuando e percorrendo todo o texto, tem como função recordar ao receptor justamente isso. Se a técnica da representação dramática tem um efeito de presentificação, a técnica narrativa tem um efeito de distanciamento. Ainda pois que Aristóteles considere, ao contrário de Platão, que o bom poeta é o mais *mimetés*, do ponto de vista geral de que toda poesia é mimese, o que distingue a narrativa do drama é a ação de *apangéllon*, isto é, uma elocução mediatizada e, por isso mesmo, complexa. As possibilidades estéticas disso decorrentes exemplificam-se sobejamente em Homero: quando se representam, enquadrados na fala do poeta, a fala de outros aedos (como Fêmio e Demódoco, na *Odisséia*; ainda Aquiles que canta, meramente referido, na *Iliada*); quando ainda, no meio da longa narrativa de Ulisses, que tomara já há vários cantos a palavra do poeta, intervém este para registrar, brevemente, a reação de Alcínoo com relação ao canto do herói, obtendo um efeito de superlativização dos dois planos narrativos, o do narrador e o da personagem que narra.

A vinculação da *léxis* com o *como* reitera-se na *Retórica*, agora tratando-se de um *lógos* em prosa, cujo caráter não é mimético, mas argumentativo. Afirmar Aristóteles:

Portanto, são três os aspectos que devem ser tratados a respeito do *lógos* [retórico]: o primeiro, de onde virão os argumentos (*písteis*); o segundo, a respeito da *léxis*; o terceiro, como se devem ordenar (*táxai*) as partes do *lógos*. A respeito dos argumentos já falamos [...] Resta falar sobre a *léxis*, pois não basta ter o que se deve dizer (*hà deî légein*), mas é necessário também dizer como se deve (*eipeîn hos deî*), e importa muito o *lógos* aparecer de uma certa forma.⁸

Essa observação se completa com a breve referência, no tratado intitulado *Da interpretação*, à divisão entre o discurso apofântico, de um lado, e os gêneros poéticos e retóricos, de outro. Parece mesmo que a intenção de Platão, ao buscar um estilo de narrativa simples, ecoa nessas considerações: do mesmo modo que este admite a existência de um grau zero de *léxis*, isto é, um tipo de discurso que seria puro *lógos*, também Aristóteles afirma que

⁸ *Retórica* III, 1-2.

todo *lógos* não é declarativo (*apophantikós*), mas somente o *lógos* em que reside o verdadeiro e o falso, o que não acontece em todos os casos: assim, uma prece é um *lógos*, mas não é verdadeira nem falsa. Deixemos de lado os outros gêneros de *lógos*: seu exame é tarefa da Retórica ou da Poética. É o *lógos* declarativo que temos de considerar no momento.⁹

Ora, ao distinguir o discurso apofântico (ou declarativo) dos que são próprios da retórica e da poesia, com relação aos quais não se pode investigar apenas o *lógos* (pois também a *léxis* tem uma função indispensável), Aristóteles está como que admitindo que se trata de uma modalidade discurso com *léxis* em grau zero – ou seja: o ideal do discurso apofântico é negar-se enquanto estilo, para que a questão do falso e do verdadeiro possa se apresentar numa forma supostamente purificada. Assim, podemos considerar que há três modalidades maiores de *léxis*: o grau zero (próprio do silogismo), a *léxis* própria da poesia e a que é própria da retórica.

Com relação à poesia, na *Poética* ele faz ainda uma série de observações. Assim, tratando da tragédia, escreve:

Já que fazem a mimese atuando (*práttontes*), em primeiro lugar será necessariamente parte da tragédia a decoração visual (*ópseos kósmos*); em seguida, a melopéia e a *léxis*,¹⁰ pois com isso se faz a mimese. Chamo *léxis* a própria composição (*synthesin*) dos metros (*metron*).¹¹

Encontramos aqui, portanto, uma definição de *léxis* que, no âmbito da poesia, se refere ao tipo de verso utilizado pelo poeta – o que define os diferentes tipos de poesia a partir do ritmo. Mas parece que o conceito de *léxis* não se restringe à métrica, pois, mais adiante, Aristóteles observa:

Assim, necessariamente, as partes da tragédia são seis: o mito, os caracteres (*éthe*), a *léxis*, o pensamento (*diánoia*), o espetáculo (*ópsis*) e a melopéia,¹²

esclarecendo, um pouco depois, que

O quarto [elemento] é a *léxis* dos *lógoi* (*lógon he léxis*);¹³ e digo, como foi dito antes, que a *léxis* é a interpretação através da nomeação (*he dià tês*

⁹ *Interpr.* 4, 17a 3 – Frédérique Ildefonse traduz *lógos* por énoncé – enunciado, traduzindo *léxis* como expression - expressão

¹⁰ Em latim: *dictio*.

¹¹ Latim: *metrorum compositionem*. *Poética* 1449 b.

¹² *Poética* 1450 a.

onomasías hermeneían),¹⁴ o que, na espécie metrificada (*emmétron*) ou nos *lógoi* tem a mesma capacidade (*dýnamis*).¹⁵

Ora, parece que agora Aristóteles está estabelecendo uma distinção entre a linguagem metrificada, própria da poesia, e o *lógos* (o discurso) em geral, que poderia incluir tanto a prosa quanto a poesia (é preferível interpretar assim a oposição do que simplesmente como poesia/prosa, até porque ele falou antes da *léxis* dos *lógoi*, isto é, *léxis* dos discursos). Outro ponto a salientar é a nova definição de *léxis* como a *hermeneía* através da nomeação, que podemos relacionar com o caráter mimético do discurso dramático, ou seja, através do discurso, o poeta interpreta ou, se quisermos, *significa* as coisas que mimetiza, sendo isso que se chama de *léxis*, o *como* se procede a essa *significação*.

Essa leitura parece que condiz com o que Aristóteles volta a declarar sobre a *léxis* um pouco mais à frente:

Dentre as partes relativas à *léxis*,¹⁶ uma forma que se deve considerar são os modos de elocução (*skhémata léxeos*)¹⁷, cujo conhecimento diz respeito à arte do ator e do que dirige esse tipo de representação: assim, o que é ordem, súplica, narrativa, ameaça, pergunta, resposta e outras coisas semelhantes.¹⁸

Encontramo-nos agora, portanto, no nível mais básico da linguagem, o da dicção, isto é, daquilo que é próprio da interpretação dramática: não se *diz* uma súplica do mesmo modo que uma ameaça, bem como a entonação própria de uma resposta será diferente da de uma pergunta. É importante notar como o interesse de Aristóteles se estende por todo o *como* dos *lógoi* (em verso ou em prosa), sendo nessa esfera que o conceito e o termo *léxis* é funcional.

De fato, o que mais salienta em Aristóteles é essa concepção orgânica da linguagem, que parte de seu elemento constitutivo mais básico, a voz, para desdobrar-se nas outras esferas (os fonemas, as sílabas, as palavras, as flexões, os sintagmas e o texto). Tratando da retórica, ele declara que

¹³ Latim: *sermonum dictio*.

¹⁴ Latim: *per verba interpretationem*.

¹⁵ *Poética* 1450 b.

¹⁶ Latim: *elocutionem*.

¹⁷ Latim: *figuras elocutionis*, figuras de linguagem.

¹⁸ *Poética* 1456 b.

foi naturalmente pesquisado em primeiro lugar o que é o primeiro por natureza: as próprias coisas (*prágmata*) a partir das quais se obtém o convencimento (*pithanón*). Em segundo lugar, como dispor essas coisas na *léxis*. Em terceiro lugar, o que mesmo tendo uma enorme força (*dýnamis*) ainda não foi tratado, tudo que respeita à interpretação (*hypókrisin*). Com efeito, mesmo na tragédia e na rapsódia isso penetrou tarde, pois, de início, os próprios poetas interpretavam (*hypekrínonto*) as tragédias. Assim, é evidente que isso diz respeito tanto à retórica, quanto à poética (desta última trataram alguns, dentre os quais Gláucon de Teo). Consiste ela do relativo à voz (*phoné*), como se deve usá-la para expressar cada afecção (*páthos*).¹⁹

Na retórica, a *léxis* deve ser apropriada às finalidades do discurso, seja o judiciário (*dikanikós*, voltado para o passado), seja o parlamentar (*demegorikós*, cujo objeto é o futuro), seja o epidítico (*epideiktikós* ou expositivo, que se concentra no presente, sendo o que mais se aproxima da poesia). Nos dois primeiros casos, tanto o passado, quanto o futuro são dimensões ausentes da experiência imediata dos recebedores, de tal forma que o convencimento (a *pístis*) vem a ser a finalidade última da retórica.

Como se vê, a teoria de Aristóteles sobre a retórica pressupõe sempre os demais gêneros de discurso, em especial o apofântico e o poético. Poderíamos resumir assim essas relações – ou o que poderia ser considerado, de um modo geral, a classificação aristotélica dos gêneros de discurso e seus traços dominantes – levando em conta que Aristóteles é, em todas as esferas do conhecimento, um grande classificador e salientando que estou me preocupando pouco com detalhes, ou seja, a ordenação que apresento no quadro abaixo não se encontra exposta assim em nenhum texto de Aristóteles e poderá mesmo aparecer heterodoxa para os especialistas:

<i>lógos</i>			
<i>gênero</i>	<i>apophantikós</i>	<i>rhetorikós</i>	<i>poietikós</i>
manifestação	<i>apódeixis</i> demonstração	<i>pístis</i> argumentação	<i>mythos</i> mito

¹⁹ *Retórica* III, 3.

recurso característico	<i>syllogismós</i> silogismo	<i>enthýmema</i> entimema			<i>mímesis</i> mimese	
intenção	<i>didaskalía</i> ensino	<i>peithó</i> persuasão			<i>hedoné</i> prazer	
efeito	<i>epistéme</i> ciência	<i>pístis</i> convencimento			<i>kátharsis</i> catarse	
tipos		<i>demegoriké</i> parlamentar	<i>dikaniké</i> jurídica	<i>epideiktiké</i> epidítica	drama	narrativa
objeto	conhecimento do verdadeiro e do falso	deliberação sobre o que convém ou não	deliberação sobre o justo e o injusto	apresentação do que é digno de louvor e de crítica	representação de ações	
tempo		futuro	passado	presente	presente	passado
<i>léxis</i>						
<i>hellenismós</i>					poética	

Em geral, o que o quadro tem de heterodoxo se encontra na terceira coluna, dedicada à poesia, já que as relações entre o discurso apofântico e o retórico são referidas suficientemente na *Retórica*. Entretanto, nessa mesma obra, as remissões à *Poética* são igualmente abundantes quando está em questão justamente a *léxis*, razão por que tanto considero legítima a aproximação que faço, quanto ela se faz no interesse de demonstrar o ponto de vista que expus: que é a consideração da *léxis* que nos permite circular pelos três gêneros de discurso que estiveram no centro dos interesses da reflexão aristotélica. O quadro, naturalmente, poderia desdobrar-se, por exemplo, incluindo um outro gênero que mantém estreitas relações com a poesia narrativa, a historiografia, mas Aristóteles não teorizou sobre ele, contentando-se em contrapô-lo brevemente à poesia em duas passagens da *Poética* (nem que se versificassem as *Histórias* de Heródoto elas passariam a ser poesia; a poesia é mais filosófica que a história porque trata do que poderia acontecer (o universal), enquanto esta trata do que aconteceu (o particular) – embora se deva então também admitir que a história trata de uma certa modalidade do verdadeiro (o que aconteceu em tal ou qual

situação, uma verdade factual), enquanto a poesia se ocupa apenas do verossímil). Notem ainda que na coluna dedicado aos gêneros poéticos está em questão não mais que a poesia narrativa, pois é só dela que se ocupa a poética (ou seja, dos hoje chamados gêneros épico e dramático). Entretanto, o que há de importante na classificação proposta é justamente a capacidade de que o quadro se amplie, abarcando novos gêneros, ou seja, estamos diante de um modelo cuja constituição foi motivada sim pela reflexão sobre certos gêneros de discurso, mas a lógica que o preside nos permite pensar outros gêneros por ele não abordados ou previstos. Vale a pena lembrar que a eficácia de um modelo não se mede por sua aplicação exhaustiva, mas pelas possibilidades de aplicação que ele deixa em aberto, já que os discursos (e o mundo) são muito mais ricos e variados que pode supor nossas teorias.

Recordemos a declaração aristotélica sobre o discurso apofântico: “todo *lógos* não é declarativo (*apophantikós*), mas somente o *lógos* em que reside o verdadeiro e o falso”; o exame dos outros gêneros de discurso que não o apofântico compete “à retórica e à poética”; “o primeiro *lógos apophantikós* unitário é a afirmação e depois a negação”.²⁰ Estamos assim no domínio da lógica, em que interessa estabelecer as bases para o *lógos* (ou a oração, o enunciado) declarativo, do tipo tal coisa é tal coisa ou tal coisa não é tal coisa e, sendo ou não, quais as condições da atribuição que se faz disso ou daquilo a isso ou aquilo. É evidente que esse tratado se encontra em íntima conexão com o dedicado às *Categorias*, onde se estabelecem critérios e se classificam os tipos de predicação (isto é, de acidentes) possíveis para determinadas substâncias. Trata-se, assim, de um uso especial da linguagem, dominado pelo substantivo enquanto o ponto de partida e de referência da predicação (isto é, de uma sintaxe cuja base é um sujeito em terceira pessoa sobre o qual se diz algo: desse ponto de vista, tanto em “o homem é branco”, quanto em “o homem constrói uma casa” temos a mesma sintaxe, pois se trata de atribuir algo a um sujeito).

Parece que é justamente no extremo oposto do apofântico que se encontra o *lógos* poético, em que o foco se desloca do sujeito para o verbo, pois o objetivo tanto da poesia dramática, quanto da poesia narrativa, é a representação (a mimese) de ações. É por isso que Aristóteles considera que o *mythos* é como que a alma da tragédia (o que se poderia estender também para os demais gêneros dramáticos e narrativos), entendendo-se por mito

²⁰ Interpr. 4, 17 a 3.

a *pragmáton sýstasis*, isto é, a concatenação das ações. Isso quer dizer que a lógica evidente que se obtém no discurso apofântico e se manifesta na demonstração, é garantida, no discurso poético, pela coesão como as ações se sucedem num mito, de acordo com as regras de necessidade e verossimilhança, conforme o exemplo clássico do próprio Aristóteles: uma personagem que tenha morrido num determinado ponto do entrecho, não poderia reaparecer mais adiante, pois isso seria não verdadeiro nem falso (pois não está em causa esse tipo de juízo), mas inverossímil.

Como se vê, nessas duas esferas a argumentação não tem um papel a desempenhar. Foi de propósito que localizei a retórica no centro do quadro, para ressaltar suas relações com os dois extremos. Com efeito, a *Retórica* principia com a consideração de que os argumentos (*písteis*) são um certo tipo de demonstração (*apódeixis*); que a demonstração retórica é um entimema; e que o entimema é um certo tipo de silogismo (o que aproxima o discurso retórico da tanto da lógica quanto da dialética). Estou considerando que o silogismo, próprio da dialética, é um desdobramento do *lógos apophantikós* (próprio da lógica), porque a dialética deve reger-se pelos princípios lógicos, não mais apenas no sentido da declaração (o homem é mortal), mas numa estrutura mais complexa (o homem é mortal; Sócrates é homem; logo, Sócrates é mortal). Ora, enquanto um tipo de silogismo, o entimema tem a mesma estrutura lingüística (a é b; c é a; logo, c é b), mas não se baseia numa evidência, pois está fundado no verossímil (como a mimese que é própria do mito poético, portanto), o que faz com que argumentação se encontre a meio caminho entre demonstração e mito. Observe-se que a palavra grega para argumentação é *pístis*, um termo comum cujos significados se desdobram em quatro esferas: 1) num plano geral, a fé, a confiança em outro, o crédito (no sentido comercial), a fidelidade e a crença (inclusive religiosa); 2) enquanto aquilo que provoca confiança, a caução, a garantia, o juramento, o pacto; 3) enquanto o resultado da confiança, o ter algo por verdadeiro, a crença; 4) finalmente, enquanto um modo de inspirar confiança, a prova. No quadro, as duas últimas acepções ocupam dois pontos: em primeiro lugar, a *pístis* é aquilo que inspira confiança, isto é, a prova ou o argumento; em segundo lugar, é o resultado do processo, a crença, o convencimento. No primeiro caso, identifica-se enquanto se distingue da demonstração e do mito; no segundo, relacionado com os efeitos, por diferenciar-se do conhecimento científico e da catarse. Finalmente, é importante salientar que o termo intermediário às duas

ocorrências de *pístis*, *peithó* (isto é, persuasão), procede da mesma raiz (**bheid/bhid*, cf. o latim *fido*, *fides*), opondo-se então, de um lado, ao ensino, de outro, ao prazer, de tal modo que Aristóteles considera que a utilidade da retórica estaria em ser um certo tipo de ensino para a multidão, ou um ensino popular (já que seria impossível, neste caso, o uso do discurso próprio da ciência – *ho katà tèn epistémén lógos* – eficaz apenas para poucos) – ao que poderíamos acrescentar ainda a opinião de Platão de que a poesia também, por sua vez, é um tipo de retórica popular. No fundo, portanto, é como se, no vasto domínio do *lógos*, estivesse em jogo uma questão de grau, determinada pelo recebedor. O mais importante agora, contudo, é frisar que a lógica do modelo, que tem pretensões analíticas e usa de um método comparativo, essa lógica depende de uma certa coesão tanto vertical quanto horizontal, em que os termos se encontram em tensão significativa.

Nesse contexto é que desejo retomar o problema da *léxis*. Antes de mais nada, é preciso ressaltar duas coisas: é desse ponto de vista que a retórica se aproxima mais da poética, já que na esfera do discurso apofântico não tem lugar esse tipo de consideração; por outro lado, cumpre observar que tanto os estudiosos de poética, quanto os de retórica têm a tendência de menosprezar as partes da *Poética* e da *Retórica* de Aristóteles referentes à *léxis*, como se fossem um corpo estranho no contexto em que aparecem, já que dedicadas ao que hoje entenderíamos mais propriamente como considerações gramaticais (incluindo a estilística). É significativo que Aristóteles não se tenha preocupado em compor uma arte gramatical como fez com tantos ramos do conhecimento, fato mais estranho ainda em vista de seu interesse pelo discurso. A opinião de Frédérique Ildefonse (em *La naissance de la grammaire dans l'Antiquité grecque*) parece adequada: interessa ao filósofo, dos fatos gramaticais, apenas aquilo que diz respeito a sua reflexão sobre os três gêneros de discurso de que estamos tratando e o desenvolvimento desses temas nas várias obras se faz porque simplesmente, em sua época, a gramática ainda não era uma disciplina nem existia enquanto tal.

Ora, é do ponto de vista da *léxis* que, na poética, a narrativa distingue-se do drama, ou, segundo as próprias palavras de Aristóteles, do ponto de vista de *como* se dá a mimese (com o poeta narrando, como si mesmo e não mudando, ou tornando-se em algo outro; ou com os mimetizados agindo e atuando). É também desse ponto de vista que se ergue a grande divisão que separa retórica e poética do discurso apofântico, já que neste se constata

uma espécie de grau zero de *léxis*, ou seja, enquanto *declarativo* – e esse é um bom sentido para apofântico, o que faz ver com o máximo de clareza – enquanto declarativo ele seria uma modalidade de puro *lógos*, um *lógos* sem *léxis* – um dizer puro e não perturbado pelos vieses da dicção. É por isso que não tem sentido que haja diferentes tipos de discurso apofântico, pois isso suporia embaçar seu valor declarativo – o mesmo não ocorrendo na esfera da poética e da retórica.

A esse respeito, Aristóteles é explícito: “convém não esquecer que a cada gênero [retórico] convém uma *léxis* distinta, já que não é a mesma a *léxis* da prosa escrita que a do debate, nem a da oratória política que a da forense. Duas coisas é necessário saber: uma, saber expressar-se em grego (o *hellenismós*), a outra, não ver-se obrigado a calar, caso se queira comunicar algo aos demais, e isso acontece com os que não sabem escrever. A *léxis* escrita é a mais exata, a do debate a mais teatral [...] – por isso os atores buscam os dramas deste último tipo e os poetas às pessoas que também são assim”.²¹ Há dois pontos importantes nessas afirmações: de um lado, a necessidade de adequação entre *léxis* e *lógos* nos diferentes gêneros retóricos (o da assembléia, o dos tribunais e o epidítico) – o que também se requer no caso dos gêneros poéticos; de outro, a exigência de que o critério básico para a retórica é o *hellenismós*, ou seja, o uso de um grego correto e corrente (já que se trata, aqui, do discurso em prosa), um momento essencial da reflexão de Aristóteles na medida em que marca a passagem do discurso para a língua – ou da teoria sobre o discurso para os discursos. Vou dizer de outro modo: é ilusório supor que qualquer teoria sobre o discurso dê conta da variedade de discursos, da mesma forma que uma teoria sobre a linguagem não comporta todos os fatos de uma determinada língua (nós todos sabemos bem isso). Para usar dois termos aristotélicos, entre o “teórico” e o “histórico” haverá sempre e necessariamente uma defasagem, pois um diz respeito ao universal e o outro aos particulares. Por isso é importante efetuar essa passagem que, no caso da retórica e da poética aristotélicas, chega até o grego, refletindo sobre suas categorias, flexões, sintaxe e métrica.

Ora, é justamente no âmbito da *léxis* que se encontra a ponte entre o teórico e o histórico, pois é nela que a multiplicidade do particular pode se manifestar. Apesar de não caber um estudo específico sobre a *léxis* do discurso declarativo, pelas razões que aponte, o

²¹ *Ret.* III, 1413 a-1414 a.

próprio Aristóteles observa, na *Retórica*: “contudo, o relativo à *léxis* é também em parte necessário a todo ensino, pois, para demonstrar algo, faz muita diferença falar assim ou assado. Mas não tem tanta importância senão quando tudo depende da imaginação (*phantasia*) do ouvinte: por isso ninguém ensina geometria desse modo.”²² Entramos assim no campo de uma certa pragmática – ou na esfera dos gêneros históricos, em que diferentes regras de adequação e de gosto interferem. Dito de outro modo, se Aristóteles não ensinava geometria assim, isso porventura significa que ninguém ensinava ou ensina – ou que hoje se possa prescindir, no ensino, não só dos recursos argumentativos da retórica, mas também dos recursos hedonísticos da poética? Mais ainda: num mundo como o contemporâneo, em que é a ciência que se tornou o discurso autorizado por excelência (difundido pelos meios modernos de comunicação), não seria razoável admitir que a diferenciação de grau de nosso quadro se inverteu completamente, de tal modo que poderíamos afirmar que a retórica é que é, hoje, um tipo de literatura para a multidão (através dos jornais, da televisão, da publicidade) e que a ciência, por seu lado, é uma espécie de retórica popular (basta lembrar o quanto o discurso político se converteu em econômico, isto é, supostamente científico)? O que estou defendendo aqui, em resumo, é que embora a validade do modelo teórico aristotélico se mantenha e ele seja passível de aplicação a diferentes situações, em cada uma dessas situações, no espaço e no tempo, é necessário completar o percurso do *lógos* à *léxis*, isto é, do discurso à dicção, ao estilo, à língua, pois só assim ele se converterá, para usar as sucessivas propostas que faz Goethe, no *Fausto*, para traduzir o *lógos* que havia no princípio, só assim ele se converterá em palavra (*Wort*), sentido (*Sinn*), energia (*Kraft*) e ação (*Tat*).

BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel. Argumentação retórica no Comentário de Fílon de Alexandria ao Pentateuco. *Euphrosyne*, v. 13, p. 9-26, 1985. (FALE)
- ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel. Some Reflections on Philo’s Concept and Use of Rhetoric. *Euphrosyne*, v. 19, p. 281-290, 1991. (FALE)
- ANDERSON, Graham. *The Second Sophistic: A Cultural Phenomenon in the Roman Empire*. London/New York: Routledge, 1993.(FAFICH)
- ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, 1981. (FALE)
- ARISTOTLE. *Poetics*; LONGINUS. *On the Sublime*; DEMETRIUS. *On Style*. Translated by S. Halliwell, W. H. Fyfe, Doreen C. Innes. Cambridge/London: Harvard University Press, 1995. (FALE)

²² *Ret.* I, 6

- ARISTOTLE. *Poetics*; LONGINUS. *On the Sublime*; DEMETRIUS. *On Style*. Translated by S. Halliwell, W. H. Fyfe, Doreen C. Innes. Cambridge/London: Harvard University Press, 1995. (FALE)
- BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro. Argumentação e força no *Héacles* de Eurípides. *Organon*, v. 13, n. 27, p. 87-108, 1999. (FALE)
- BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro. *Uma teoria sobre o lógos na Medéia, no Héacles e nas Bacantes*. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, 1997. (FALE)
- BOMPAIRE, Jacques. *Lucien écrivain: Imitation et création*. Paris/Torino: Les Belles Lettres/Nino Aragno, 2000.
- BRUNA, Jaime (org.). *Eloquência grega e latina*. Seleção, tradução, introdução e notas liminares de J. Bruna. São Paulo: Cultrix, 1968.
- CALBOLI, Gualtiero. From Aristotelian λεξιλογία to *elocutio*. *Rhetorica*, v. 16, n. 1, p. 47-80, Winter 1998.
- CAREY, C. *Nomos* in Attic rhetoric and oratory. *The Journal of Hellenic Studies*, v. 116, p. 33-46, 1996. (FALE)
- CASSIN, Barbara (org.). *Le Plaisir de parler: études de sophistique comparée*. Paris: Minuit, 1986. (FAFICH)
- CASSIN, Barbara. Consenso e criação de valores: O que é um elogio? In: _____ et al. *Gregos, bárbaros, estrangeiros: a cidade e seus outros*. São Paulo: Editora, 34, 1993. p. 34-55.
- CASSIN, Barbara. *L'Effet sophistique*. Paris: Gallimard, 1995. (FAFICH)
- CELENTANO, Maria Silvano. Comicità, umorismo e arte oratoria nella teoria retorica antica. *Eikasmos*
- CHIAPPETTA, Angélica. Retórica e crítica literária na Antigüidade. *Phaos*, v. 1, p. 39-60, s.d. (FALE)
- CHIRON, Pierre. À propos d'une série de *pisteis* dans la *Rhétorique à Alexandre* (Ps.-Aristote, *Rh. Al.*, chap. 7-14). *Rethorica*, v. 16, n. 4, p. 349-391, Autumn 1998.
- CÓRDOVA, Paola Vianello de. Lísias: aspectos de la vida ateniense. *Cuadernos de Filosofía y Letras*, v. 14, p. 69-78, 1986. (FALE)
- CÓRDOVA, Paola Vianello de. Oratoria y 'ethos'. *Cuadernos de Filosofía y Letras*, v. 14, p. 29-38, 1986. (FALE)
- CÓRDOVA, Paola Vianello de. Oratoria, vida política y ambiente cultural en la Atenas del siglo V a.C. *Cuadernos de Filosofía y Letras*, v. 14, p. 9-20, 1986. (FALE)
- CORTÉS GABAUDAN, Francisco. La retórica aristotélica y la oratoria de su tiempo (sobre el ejemplo de Lisias III). *Emerita*, v. 66, n. 2, p. 339-360, 1998. (FALE)
- CORTÉS GABAUDAN, Francisco. La retórica aristotélica y la oratoria de su tiempo (sobre el ejemplo de Lisias III). *Emerita*, v. 66, n. 2, p. 339-360, 1998. (FALE)
- CRESPO, María Inés. La finalidad del discurso retórico en Ifigenia en Aulis: verosimilitud y realidad en el problema de la μεταβολη. *Argos*, v. 15/16, p. 3-23, 1991/1992. (FALE)
- DAHAN, Gilbert & ROSIER-CATACH, Irène. *La Rhétorique d'Aristote: traditions et commentaires de l'Antiquité au XVIIe. siècle*. Paris: J. Vrin, 1998.
- DEMÉTRIUS. *Du Style*. Texte établi et traduit par Pierre Chiron. Paris: Les Belles Lettres, 1993. (FALE)
- DENYS D'HALICARNASSE. *L'Imitation, Première lettre à Ammée, Lettre à Pompée Géminos, Dinarque*. Texte établi et traduit par Germaine Aujac. Paris: Les Belles Lettres, 1992. (FALE)
- DENYS D'HALICARNASSE. *La composition stylistique*. Texte établi et traduit par Germaine Aujac et Maurice Lebel. Paris: Les Belles Lettres, 1981. (FALE)
- DENYS D'HALICARNASSE. *Les Orateurs antiques*. Texte établi et traduit par Germaine Aujac. Paris: Les Belles Lettres, 1978. (FALE)
- DICK, T/Ed. Topos and enthymeme (evidence of syllogism in Aristotle's Rhetoric). *Rhetorica*, v. 20, n. 2, p. 105-114, Spring 2002. (PORTALCAPES)
- DIONÍSIO DE HALICARNASSO. *Tratado da imitação*. Tradução, introdução e notas por Raul Miguel Rosado Fernandes. Lisboa: INIC/Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, 1986.
- DU SUBLIME. Texte établi et traduit par Henri Lebègue. Paris: Les Belles Lettres, 1965. (FALE)
- EDWARDS, Michael J. Antiphon and the Beginnings of Athenian Literary Oratory. *Rhetorica*, v. 18, n. 3, p. 227-242, Summer 2000. (PORTALCAPES)
- ENOS, Richard Leo. *Greek Rhetoric Before Aristotle*. Prospect Heights: Wavekand, 1993.
- FRANCISCO, Maria de Fátima Simões. Da especificidade do estilo retórico segundo Aristóteles. *Organon*, v. 13, n. 27, p. 29-38, 1999. (FALE)
- FRANCISCO, Maria de Fátima Simões. Do relacionamento entre verdade e retórica em Aristóteles. *Classica*, v. 11/12, p. 289-296, 1998/1999. (FALE)

- GALIMBERTI, Ana. Pensar y sentir en Aristóteles: Una aproximación a la *Poética* y la *Retórica*. In: GRAMMATICO, Giuseppina, ARBEA, Antonio, PONCE DE LEÓN, Ximena (org.). *El sentir y el pensar en el mundo clásico*. Santiago: Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación, 2000. p. 75-84. (FALE)
- GAMBÓN, Lúcia & CERRA, Gabriela. El arte de la persuasión: consideraciones interpretativas de la *physis* de Medea en la primera *rhexis* ao coro. *Argos*, v. 15/16, p. 53-61, 1991/1992. (FALE)
- GANGLOFF, Anne. Mythes, fables et rhétorique à l'époque impériale. *Rhetorica*, v. 20, n. 1, p. 25-32, Winter 2002. (PORTALCAPES)
- GASTALDI, V. Eurípides y la retórica: *ethos* e *inventio* en el discurso de Helena (*Troyanas*, 914-96). *Emerita*, v. 67, n. 1, p. 115-126, 1999. (FALE)
- GERA, Deborah Levine. Two Thought Experiments in the *Dissoi Logoi*. *American Journal of Philology*, v. 121, p. 21-45, 2000. (FALE)
- GÓRGIAS. *Testemunhos e fragmentos*. Tradução, comentário e notas de Manuel José de Sousa Barbosa e Inês Luísa de Ornellas e Castro. Lisboa: Colibri, 1993.
- HANSEN, João Adolfo. Ortônimo, sinônimo, homônimo: retórica do anônimo. *Classica*, v. 5/6, p. 33-56, 1992/1993. (FALE)
- HARTOG, François. *A história de Homero a Santo Agostinho*. Prefácios de historiadores e textos sobre a história reunidos e comentados por F. Hartog, traduzidos para o português por J. Lins Brandão. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- HYPÉRIDE. *Discours*. Texte établi et publié par Gaston Colin. Paris: Les Belles Lettres, 1968 (FALE)
- IGLESIAS ZOIDO, Juan Carlos. Paradigma y entimema: el ejemplo histórico en los discursos deliberativos de Tucídides. *Emerita*, v. 65, n. 1, p. 109-188, 1997. (FALE)
- ISOCRATE. *Discours*. Texte établi et traduit par Georges Mathieu et Émile Brémond. Paris: Les Belles Lettres, 1956 ss. (FALE)
- JUÁREZ, M. G. Oratoria y derecho. *Cuadernos de Filosofía y Letras*, v. 14, p. 49-58, 1986. (FALE)
- KINNEAVY, James L. *Greek Rhetorical Origins of Christian Faith: An Inquiry*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1987.
- LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Tradução, prefácio e aditamentos de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993.
- LONGINO. *Do sublime*. Tradução de Filomena Hirata [Introdução e comentário de Jackie Pigeaud]. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LÓPEZ, S. A. Isócrates logógrafo y educador. *Cuadernos de Filosofía y Letras*, v. 14, p. 79-92, 1986. (FALE)
- LÓPEZ, S. A. Oratoria y logografía. *Cuadernos de Filosofía y Letras*, v. 14, p. 34-48, 1986. (FALE)
- LORAUX, Nicole. *A invenção de Atenas*. São Paulo: Editora 34, 1994.
- LUCIANO. *Obras*. [vários tradutores] Madrid: Gredos, 1986 ss.
- LUCIEN. *Oeuvres*. Texte établi et traduit par Jacques Bompain. Paris: Les Belles Lettres, 1993 ss. (FALE)
- LYSIAS. *Discours*. Texte établi et traduit par Louis Gernet et Marcel Bizos. Paris: Les Belles Lettres, 1992.
- MACHADO, Ida Lúcia. A ironia, a retórica antiga e a retórica francesa. *Classica*, v. 7/8, p. 303-308, 1994/1995. (FALE)
- MARROU, Henri-Irénée. *História da educação na Antigüidade*. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1975. (FALE)
- MCKEON, Richard. A crítica literária e o conceito de imitação na Antigüidade. *Texto*, v. 1, p. 245-276, 1975. (FALE)
- MERON, E. *Apologie de Palamède, Apologie de Socrate, Apologie pour Gorgias*. *Πλατων*, v. 47/48, p. 21-46, 1996. (FALE)
- MESTRE, Francesca. Retórica y diálogo contra en sirio. *Synthesis*, v. 4, p. 21-32, 1997. (FALE)
- MEYER, Michel. *Histoire de la Rhétorique des Grecs a nos jours*. Paris: Librairie Générale Française, 1999 (FALE)
- MIRHADY, David C. Torture and rhetoric in Athens. *The Journal of Hellenic Studies*, v. 116, p. 119-131, 1996. (FALE)
- NICEV, Alexandre. De la *Rhétorique* vers la *Poétique*. *Euphrosyne*, v. 16, p. 9-34, 1988. (FALE)
- PAES, Carmen Lucia Magalhães. *Górgias ou a revolução da retórica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989. (Tese de Doutorado) (FALE)
- PAES, Carmen Lucia Magalhães. O rouxinol do sofista e as cigarras de Sócrates. *Limes*, v. 11, p. 45-56, 1999. (FALE)

- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Entre o *epos* e o *logos*: Xenófanes de Cólofon. *Humanitas*, v. 52, p. 77-90, 2000. (FALE)
- PÉREZ CASTRO, L. C. La llamada *Rhetorica ad Herennium* y sus autores. *Emerita*, v. 67, n. 2, p. 251-262, 1999. (FALE)
- PERLMAN, Shalom. Rhetoric and Philosophy. A Chapter in Fourth-Century Literary Criticism. *Scripta Classica Israelica*, v. 12, p. 86-93, 1993. (FALE)
- PERNOT, Laurent. *La Rhétorique dans l'Antiquité*. Paris: Le Livre de Poche, 2000.
- PERNOT, Laurent. La Rhétorique de l'Empire ou comment la rhétorique grecque a inventé l'Empire romain. *Rhetorica*, v. 16, n. 2, p. 131-148, Spring 1998.
- PLANT, Ian M. The Influence of Forensic Oratory on Thucydides' Principles of Method. *Classical Quarterly*, v. 49, n. 1, p. 62-73, 1999. (FALE)
- PRIETO, Maria Helena Ureña. *Política e ética: textos de Sócrates*. Lisboa: Presença, 1989.
- QUACQUARELLI, A. *La retorica antica al bivio*. Roma: s/ed., 1956.
- REARDON, B. P. *Courants littéraires grecs des IIe. et IIIe. siècles après J.-C.* Paris: Les Belles Lettres, 1971.
- Retórica de Aristóteles: tradición y verdad*. *Nova Tellus*, v. 19, n. 1, p. 13-53, 2001. (FALE)
- REYES, Alfonso. La antigua retórica. In: _____. *Obras completas*. v. 13. México: Fondo de Cultura Económica, 1983. p. 349-555.
- RORTY, Amélie Oksenberg. *Essays on Aristotle's Rhetoric*. Berkeley: University of California Press, 1996. (FALE)
- ROSENMEYER, Thomas. Persuasion, Power, Possession. *Scripta Classica Israelica*, v. 12, p. 75-85, 1993. (FALE)
- ROUNTREE, Clarke. The (Almost) Blameless Genre of Classical Greek Epideictic. *Rhetorica*, v. 19, n. 3, p. 293 ss., Summer 2001. (PORTALCAPES)
- SCHENKEVELD, Dirk M. The Intended Public of Demetrius' *On Style*: The Place of the Treatise in the Hellenistic Educational System. *Rhetorica*, v. 18, n. 1, p. 29-48, Winter 2000. (PORTALCAPES)
- SCHIAPPA, Edward. *The Beginnings of Rhetorical Theory in Classical Greece*. New Haven/London: Yale University Press, 1999.
- SCHMITZ, Thomas A. Plausibility in the Greek Orators. *American Journal of Philology*, v. 121, p. 47-77, 2000. (FALE)
- SELBY, Gary S. "Blameless at His Coming": The Discursive Construction of Eschatological Reality in 1 Thessalonians. *Rhetorica*, v. 17, n. 4, p. 385-410, Autumn 1999.
- SENZASONO, Luigi. Significato gnoseologico dell'epitafio di Tucídide. *Euphrosyne*, v. 14, p. 141-146, 1986. (FALE)
- SIGNES CORDOÑER, El Panatenaico de Sócrates: tema y finalidad del discurso. *Emerita*, v. 66, n. 2, p. 67-94, 1998. (FALE)
- SIGNES CORDOÑER, Juan. El Panatenaico de Sócrates: 1. El Excursus de Agamenón. *Emerita*, v. 64, n. 1, p. 137-156, 1996. (FALE)
- SILVA, Maria de Fátima Sousa e. Crítica à retórica na comédia de Aristófanes. *Humanitas*, v. 39/40, p. 34-104, 1987/1988. (FALE)
- SOUZA, José Cavalcante de. A *pólis* como quadro institucional da cultura grega. In: JAGUARIBE, Helio (org.). *A democracia grega*. Brasília: Universidade de Brasília, 1981. p. 13-22.
- SULLIVAN, Dale L. & ANIBLE, Christian. The Epideictic Dimension of Galatians as Formative Rhetoric: The Inscription of Early Christian Community. *Rhetorica*, v. 18, n. 2, p. 117-145, Spring 2000. (PORTALCAPES)
- THUCYDIDE. *La Guerre du Péloponnèse*. Texte établi et traduit par Jacqueline de Romilly. Paris: Les Belles Lettres, 1995. (FALE/FAFICH)
- THÜR, Gerhard. Reply to D. C. Mirhay 'Torture and rhetoric in Athens'. *The Journal of Hellenic Studies*, v. 116, p. 132-133, 1996. (FALE)
- TONTI, Silvia L. La crítica del *Gorgias* a la retórica sofística y su relación con la primera definición de sofista en el diálogo homónimo. *Synthesis*, v. 6, p. 115-137, 1999. (FALE)
- TRINGALI, Dante. *Introdução à retórica* (a retórica como crítica literária). São Paulo: Duas Cidades, 1988. (FALE)
- TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Tradução, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

- UREÑA BRACERO, J. Homero en la formación retórico-escolar griega: etopeyas con temas del ciclo troyano. *Emerita*, v. 67, n. 2, p. 315-340, 1999. (FALE)
- VARGA, Áron Kibédi. Universalité et limites de la rhétorique. *Rhetorica*, v. 18, n. 1, p. 1-28, Winter 2000. (PORTALCAPES)
- VIDAL, G. R. Oratoria y retórica. *Cuadernos de Filosofía y Letras*, v. 14, p. 21-28, 1986. (FALE)
- WESOLOWSKA, Elzbieta. Gorgias: an Inventor of a Logic Rule. *Euphrosyne*, v. 20, p. 255-260, 1992. (FALE)